OPRIMIDAS E EXPLORADAS

NOSSA DIGNIDADE ESTÁ NA LUTA

EDITORIAL

anarquia

Pessoas ajudam pessoas!

Aurora Obreira

Barricada Libertária, iniciativa de ação direta e local para divulgação e propaganda do anarquismo.sem partido, sem religião, sem Estado.

Aurora Obreira

Número 53 - Agosto 2015. Revista para divulgação do anarquismo atual e na construção de uma sociedade sem classes, sem opressão e sem exploração.

Redação: Barricada Libertária
Colaboração: Fenikso Nigra, Artista Anarquista, Danças das Idéias, ATB.
Esta revista foi feita em soft livre: Scribus, Libreoffice, Inkscape, Gimp, OS Mint 17

Contatos:
Barricada Libertária: lobo@riseup.net, barriliber@anarkio.net, barriliber@riseup.net
Fenikso Nigra: fenikso@riseup.net aŭ fenikso@anarkio.net

http://anarkio.net

MOVIMENTO ANARQUISTA BRASILEIRO
10 e 11
Outubro
14° Expressões Anarquistas
10/10/2015
9h - Recepçao
10h - Abertura, apresentaçao do evento e aprovaçao da proposta do evento
11h - Alimentaçao coletiva (VEGANA)
13h - Conversas Libertárias - eixos temáticos* (dividir em grupos)
15h - Oficina Organizaçao Nao Impositiva
18h- Fim Primeiro dia
11/10/2015
9h - Conversas Libertárias - eixos temáticos (dividir em grupos -em aberto)
11h - Alimentaçao Coletiva (VEGANA)
13h - Sarau Cultural/Exposiçao de materiais anarquistas ...(aberto a todas as pessoas, grupos, coletivos, associaçoes) para expor seus materiais, leitura de poesias, músicas, teatro e o que rolar...
Eixos Temáticos pré-sugeridos: CULTURA - TRANSPORTE - TRABALHO
SAÚDE - EDUCAÇÃO - HABITAÇÃO
Sujeito a alteraçoes!
LOCAL:
ESTAÇAO CULTURA
Praça Marechal Floriano Peixoto, s/nº, - CENTRO - Campinas/SP|Brasil
Realizaçao: Fenikso Nigra / Barricada Libertária
www.anarkio.net - exprana@riseup.net - lobo@riseup.net - fenikso@riseup.net
Fenikso Nigra
DEK JAROJ EN LA ANARKIO!

14º Expressões Anarquistas 2015

Pessoas,

Estamos muito felizes em convida-las para a décima quarta edição do Expressões Anarquistas, será em Campinas, nos dias 10 e 11 de Outubro.

Haverá conversas livres sobre assuntos que sabemos relevantes para a vida de resistência e luta que muitas pessoas travam, ter nesses dias, uma troca das experiências, vivências e práticas anarquistas sobre como lidam com os desafios de uma convivência não impositiva em um sociedade autoritária, opressiva e exploradora é de enorme importância para todas as pessoas que visam liberdade e justiça social agora e não num futuro intangivel.

A revolução é algo que preparamos e construímos agora e não quando as condições favoraveis aparecerem, elas acontecem conforme nossa ação direta, nossa união e de organização.

No evento teremos espaço para as crianças e tudo será organizado com a participação de cada pessoa envolvida. Háverá espaço no dia 11 de Outubro para apresentação e exposição de materiais das pessoas, grupos, coletivos, associações, uniões, precisando nos informar sobre essa intensão e o que será necessário.

Por fim, a união anarquista Fenikso Nigra completou nesse ano 10

anos de existência, uma existência cheia de altos e baixos, mas assim com o animal mitológico, sempre renascemos das mais diversas formas. E iremos celebrar no Expressões, essa jornada. Sintam-se convidadas, sua presença será nossa inspiração,

Programação sugerida:

10/10/2015

9h - Recepção
10h - Abertura, apresentação do evento e aprovação da proposta do evento
11h - Alimentação coletiva (em aberto)
13h - Conversas Libertárias - eixos temáticos (dividir em grupos - em aberto)
15h - Oficina Organização Não Impositiva
18h- Fim Primeiro dia

11/10/2015

9h - Conversas Libertárias - eixos temáticos (dividir em grupos -em aberto)

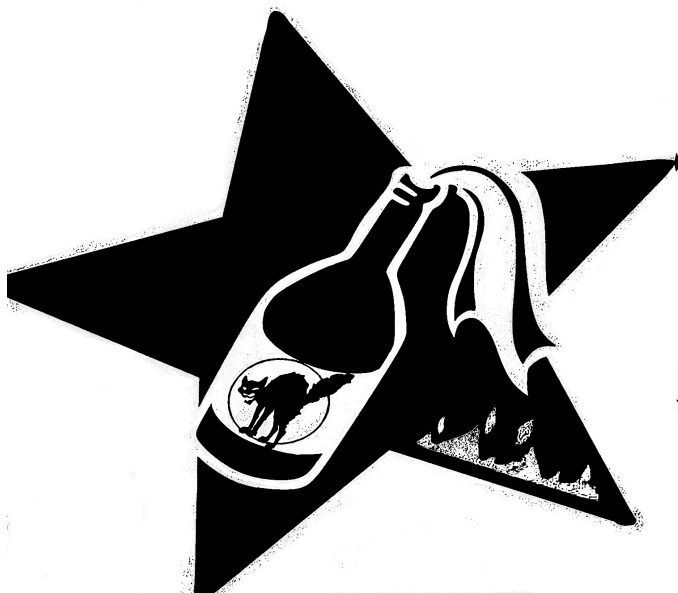
11h - Alimentação Coletiva (em aberto)
13h - Sarau Cultural/Exposição de materiais anarquistas ...
(aberto a todas as pessoas, grupos, coletivos, associações) para expor seus materiais, leitura de poesias, músicas, teatro e o que rolar...

Sujeito a alterações.

Abraços livres

Anarquicamente, por

Por ICN. |Fenikso Nigra/ Barricada Libertária|

SCIO ESTAS LIBERECO!
A

A idéia de apenas diferenciar em oprimidos e opressores é de criarmos uma arma prática contra todos aqueles (minorias ou maiorias) que se consideram no direito de explorar os demais sejam os Estados sobre seus povos, patrões sobre seus empregados, fazendeiros sobre seus campônios, chefes partidários sobre os militantes, homens sobre as mulheres, heterossexuais sobre homossexuais, professor sobre aluno, ou seja, em todas as esferas de relacionamento humano e em qualquer ordem dos atores. Este recurso libertário de dicotomizar as relações sociais não é apenas um capricho ideológico, é também imprescindível para já caracterizar o processo revolucionário de que queremos e que reivindicamos, descentralizado e organizado de uma forma simples e objetiva, sem nenhuma vanguarda, lideres déspotas ou burocracia tecnizada. Mas é necessário explicar de uma forma mais objetiva e simples o que queremos dizer com opressores e oprimidos, que parece ter uma semelhança com idéia marxiana apontada inicio do Manifesto Comunista, semelhança que logo se desfaz, para o desespero de alguns marxistas que querem a muito custo entrelaçar ideais libertários com propostas marxistas ou marxianas.

Na maioria das sociedades atuais, temos uma graduação social muito rica e variada. Isso significa que os indivíduos pertencentes

à sociedade são catalogados por determinados critérios discriminatórios, as vezes um, as vezes vários. Um critério importante, por ser o propulsor da sociedade capitalista e é o que vigoraria nas idéias marxistas seria o fator econômico, e é a partir dele que várias premissas marxistas são elaboradas, aliás este critério é a linha chave que liga o passado ao futuro e que impregna as idéias marxianas de maneira forte e que é o materialismo dialético, que por falta de maior compreensão ilude a muitos como um suposto economicismo1. A luz da interpretação marxista que aponta para uma polarização crescente das desigualdades sociais que convulsionariam periodicamente a estrutura social, crises que se agudizam a cada volta do ciclo econômico, veríamos que haveria uma aglutinação dos elementos da sociedade em dois pólos que seriam opostos em seus interesses, de um lado, uma enorme massa de trabalhadores, um exército reserva de trabalhadores e todos aqueles que deixassem de ter ou que vendem seu trabalho e do outro lado do pólo, sempre diminuto, um grupo diversificado de donos de fábricas, lojas, proprietários de terras, banqueiros, em fim, como no M.C.2 "exploradores e explorados". Se lembrarmos o esquema simples da página 16, há um grupo intermediário (ou grupos dependendo do esquema que se atém, no M.C. são apresentados "As camadas médias(Mittelstände), o pequeno industrial, o pequeno comerciante, o artesão, o camponês"(pp.76), e a respeito disso é interessante observação que Bobbio faz.

Ele interpreta e divide a teoria de Marx em dois momentos, no primeiro momento para interpretar as relações do modo de produção que é o motor da história, há apenas dois grupos divergentes, e em um segundo momento, há uma multiplicidade de grupos, necessários para uma análise da formação social.

Voltando ainda idéia do grupo intermediário, este se fragmentaria no momento de crise econômica, tendenciando para o lado dos explorados ou exploradores, e com agravamento desta polarização pelas contradições econômicas geradas, haveria conflitos com ascese dos primeiros sobre os segundos. Chegaria o fim da pré-história humana, pois seria ascese do último grupos explorados e haveria uma suposta igualdade a partir de então.

Engels afirma no seu livro Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico, que os gerenciamentos estatais teriam o caráter mero de administração e não haveria mais conflitos de interesse, como se o indivíduo, um ser político, deixa-se de exercer seu essência.

Só que esta tendência é falsa por que justamente o caracter de gerenciamento é um ato político onde os conflitos de interesse se apresentam fortemente. Assim o modelo deixa falhas, que é uma característica natural aos seres humanos quando elaboram e engendram um conjunto de idéias e criam um modelo para demonstrar uma verdade suposta e sempre achamos verdade naquilo que queremos aceitar. Eis porque um dos motivos para que a política seja tão sedutora para muitos.

A idéia de classe social assassina o indivíduo livre, o subordina ao autoritarismo dinástico de uma classe (a tirania da maioria) ou a um conjunto de indivíduos que consideram serem seus representantes ou não, já que são eleitos por sufrágio e a derrota do candidato de um determinado grupo, é supressão deste mesmo grupo no meio da representação, limitando o indivíduo a um sacrifício fútil no caso de perda e em caso de vitória, a uma subordinação contrária ao que seria emancipação humana. Dizem que os anseios de uma classe estão acima delas, mesmo que ela não os saiba, ou seja, esta no plano inconsciente, subjetivo (Luckas, Touraine), será? O que querem realmente dizer é que elas não correspondem aos anseios de seus dirigentes e supostos iluminados, que pena!

Esta vanguarda deve dizer para seu umbigo:

"-Infelizes dos que não conseguem antever nossa missão histórica por estarem alienados e fetichizados na relação de troca trabalhista! Mas à eles iremos de boa vontade, nós, uma vanguarda e um partido que conhecem vossa missão histórica, alicerçados no mais sólido socialismo "cientifico" e os conduziremos e nós nada pedimos além que exerçam para nós o que faziam para os exploradores privados."

Em breves palavras: Um só explorador apenas com um nobre ideal, a ditadura proletária!

E nos diga, maior nação proletária que existe atualmente

(China), que suas atrocidades no controle de natalidade é para assegurar a ditadura, a pureza dos proletários! E dizem que a China, agora, nada tem de socialista, como se o passado fosse uma abstração irreal e inexistente. Se agora nada tem de socialista, isso se deve graças ao socialismo autoritário do passado se aplicando também a ex-URSS.

Quando se apresenta que uma classe social assassina o indivíduo livre é que quando se constitui uma classe, ela esta acima e é o todo de indivíduos que a compõem enquanto classe (como gostam de dizer com o peito estufado, os marxistas, estes seres “tão críticos”, “tão neutros”, “tão científicos”). Este seria o tipo ideal de classe onde os indivíduos se identificariam e se rotulariam criando assim seus estereótipos como uma classe, com suas características básicas, levando em conta variantes secundárias de pouca importância à análise. E é ai que a coisa fica confusa e foge do controle das classes sociais, pois para se manterem geram ultimatos e violência a aqueles que não se encaixam ao que foi dito acima. Poderiam me dizer que não existe indivíduo livre, que seria uma ficção da jurisprudência burguesa e que o indivíduo seria uma construção da relação com o outro, ou seja um híbrido eu e o outro, e para se tornar livre, necessitaria de que vários indivíduos que se reifiquem (exploração de mais-valia) para garantir sua liberdade. É possível responder que realmente não existe homem livre na atual sociedade, mas mesmo assim a possibilidade de liberdade não deve ser monopolizada por uma classe social ou um grupo que se considere o certo e determinado a cumprir uma missão histórica ou mesmo que ele se considere o oprimido. Nenhuma classe, por mais que seja representativa fiel a uma categoria trabalhadora, seja operária, seja camponesa, seja qual for é oprimida, os que são explorados e oprimidos são os indivíduos de diversos grupos e de várias formas, e a compreensão disso que os levam a se organizar

em torno de pensamentos semelhantes, o que temos aqui, portanto, não é formação de classes sociais e sim de associações por afinidade de indivíduos explorados1.

A exploração aqui extrapola várias esferas da sociedade e é aqui que temos a grande divisa das águas autoritárias e libertárias.

O respeito aqui é básico, já que temos as primícias de igualdade, pensemos neste exemplo: um indivíduo proprietário de terras entra em um grupo libertário e se diz explorado, digamos pelo governo, compreenderemos sua exploração, mas convidaremos a dividir e coletivizar suas terras, pois vemos que a propriedade latifundiária é também exploração (como diria Proudhon: "Um roubo!") como é a exploração do governo e se dizer que não a dividirá (que muito bem pode fazer e provavelmente irá fazer!), estamos diante de um explorador e como tal, tratado será. Neste ponto afirmariam nossos críticos que entramos em uma contradição, pois aqui o respeito teria que ser quebrado, pois o proprietário tem o "direito" de não distribuir "suas terras", além do mais, haveria violência e autoritarismo.

É uma concepção falsa e de aparência. O que nos destinguem e destinguiu até agora foi não termos perdido as relações igualitárias (o que a propriedade não têm e nunca terá) e esta está preservada entre os oprimidos que se organizam. A categoria dos opressores provavelmente se "defenderão dos ataques dos oprimidos", justificando assim a existência do exército que na verdade já existia com o propósito de salvaguardar a mão que o afaga. O exército tal como nas cadeias, é formado nos seus quadros básicos de indivíduos oriundos dos grupos oprimidos, o que mostra que além de explorar a população, a usa contra sua própria gente.

Mas é engano acreditar que seria de agora isso, o ataque sistemático aos oprimidos já tem uma história extensa (mas não oficializada na integra), cheia de perseguições e muita, muita violência e este legado chegou até nós, e como oprimidos, devemos levantar as armas e não entrega-las ao governo dos opressores2 e ir a luta, mas se nos deixarmos levar pelo ódio, que é muito fácil devido o ressentimento secular que nos atormenta, se deixar-mos

levar pela violência inimiga, cometendo as atrocidades e barbáries que cometeram e cometem contra nós, por mais que tenhamos a justiça de nosso lado e a verdade, nossas mãos cheias de sangue desnecessário pesarão sempre nas nossas consciências, seremos os monstros contra qual lutávamos e mostrará o quanto foi vã a nossa luta e que verborragia inútil criamos, e apesar de nossa vitória, seremos os derrotados e os opressores vencidos, rirão do inferno, pois logo terão companhia de seus algozes.

O que temos se poderia dizer que temos é termos diferentes a primícias comuns, ledo engano, como é aquele de dizerem que o fim do marxismo é a anarquia. Falso, pois nem Marx, com toda sua bagagem intelectual apontou para isso. A ponte de transição marxiana, a ditadura de uma classe e um Estado que aos poucos deixaria de existir, que resultando no fim da pré-história da humanidade é especulação de vários livros. Se procurarmos na história dos processos revolucionários, veremos que a ditadura realmente surge e existe, só que a pré-história parece se congelar e o período glacial dura até a queda de um meteoro (Perestroika) que destrói os dinossauros existentes. O que se pode dizer é que anarquia começa agora, não é fim portanto apenas, é começo, meio e fim, uma tríade que deve sempre estar se reciclando e é o que sua dinâmica exige. Esperar que a história que se toma nas mãos aguarde é como adiar a cura que nos aflige por um remédio já conhecido, mas que não se usa por não conhecer as suas contra-indicações.

A anarquia começa já nas organizações de base, principalmente nos grupos vermelho-negros, onde a hierarquia é abolida e todos, e todos mesmo, estão em igualdade de opinião, direitos e deveres, constituem a livre associação e baseiam-se na autogestão. Se for necessário um coordenador, que é muito diferente de chefe ou outra definição autoritária, este assume um caráter provisório e especifico.

***

Muitos não vêem assim, achando que são apenas nomes diferentes a um mesmo fato e não é realmente isso. Friso este assunto porque ele é importante, a questão de liderança é muito

importante e vital, visto que é simplesmente o abismo que se coloca entre as formas de governo diversas e as libertárias e é importante que os libertários estejam sempre vigilantes com este tipo de organização, pois é muito fácil neste tipo de organização haver pessoas que viciadas no sistema anterior, quererem ter a supremacia do controle, que é devido a dois motivos preponderantes que seriam: um monopólio déspota de indivíduos e como já foi dito, nossa herança e bagagem autoritária.

Há nas personalidades humanas uma tendência ao poder muito forte, isto é, pessoas que querem se fazer senhores orgulhosos e prepotentes lideres, pelo fascínio e respeito que isso confere, ou seja, buscam o poder. A isso chamo a autocrítica periódica dos participantes de uma organização anarquista para frear este tipo de conduta e estimular as personalidades mais acanhadas, a uma participação mais ativa e efetiva. O outro motivo, que seria os vestígios do regime a ser suplantado, se enraízam e se miscegenam ao primeiro motivo. É importante aos grupos libertários demonstrarem a artificialidade desta relação autoritária que "acha natural" as relações baseadas na obediência e no mando. Não que as relações anárquicas sejam mais naturais ou menos artificiais, porque não é, mas sim, uma realização de homens e mulheres que tentam se libertar de seus grilhões apertados dolorosamente. O mais importante é trazer ao indivíduo a consciência de participação e suas implicações no coletivo, pois os libertários buscam a reinserção e emancipação dos indivíduos em todos os meios sociais (política, cultura, economia, lazer, etc) em que foram barrados por um regime que se preza pela exploração implacável, degeneradora e totalmente centralizadora do poder.

Quando se formam os grupos libertários, o requisito básico aos afiliados é sua ligação por afinidade, mesmo de indivíduos de diferentes grupos sociais (seriam as famosas classes sociais). Esta diferença não pode se basear na exploração de outros, isto é claro e tem que ser assimilado. Quando se constata que uma diferença esta ligada a uma educação desigual, herança de antepassados e além do mais, na sociedade capitalista atual é visível um desenvolvimento de talentos diversos, especializados e que por tal motivo a

importância do indivíduo é obra conjunta dele com a sociedade em que habita, muitas vezes formada partir de um roubo inicial e que deve ser devolvida ao coletivo3 e é importante que o militante esteja consciente de tal acontecimento e que renuncie às regalias materiais supérfluas, esta discussão esta no bojo do socialismo de forma atual porque é um caráter altamente revolucionário, pois é o desprendimento consciente do fútil que a sociedade capitalista gera sem cessar por 24 horas. Este desprendimento não pode se parecer com um sacrifício sem retorno. É importante questionar o que seria supérfluo ao libertário?

O referencial estaria marcado no exagero, por exemplo, uma casa de cinco quartos para uma pessoa, é exagero, cinco carros na garagem para uma pessoa, são exagero. Alguns diriam que não seria, não seriam libertários estes. Não conseguem admitir que o supérfluo, o excesso, a ambição geram a falta em meio à fartura material que dispomos mas que é mal distribuída (quando é distribuída!) entre todos. E se ele, dono de excedentes não renunciar?

Que se defenda! Como bem vem fazendo desde tempos idos, sempre a fogo e ferro, em massacres, muitas vezes fratricidas, movidos por hordas e exércitos de ladrões (os conquistadores e colonizadores) que a tudo tomavam e destruíam sem um pingo de respeito nem ao ser humano e nem as sociedades diferentes (Inca, Maia, várias tribo africanas e outras sociedades de todo o globo).

O sistema social atual é um cárcere, cada casa uma prisão fortificada, lacrada com fossos de solidão e paredes de intolerância. A sociedade capitalista não precisa de uma sociologia e sim de uma teratologia para lhe explicar e mostrar suas bestialidades, que de outra forma não enxergariam, porque o exercício de realmente ver o que se esconde, de tentar procurar uma melhoria que não se limite apenas ao bolso e que esta melhoria não seja restrita a uma parcela pequena de indivíduos e pela qual outra enorme parte paga sem saber, sem ao menos entender esta relação é uma tarefa árdua. Todos os oprimidos desde há muito tempo estão em uma verdadeira resistência ao autoritarismo massacrante e espoliador (seja ele girondino ou jacobino1).

Não seria exagero escrever e nem é recurso de linguagem dizer que os grupos oprimidos são escravos de ladrões opressores, verdadeiros doutores na arte da ocultação, distorção, enganação e que no decorrer da história têm-se aperfeiçoado, aprofundado, sem no entanto perderem suas características, preservando totalmente seu poder e o ampliando a píncaro altíssimo. Eles não descobriram a fonte da vida eterna como muitos estejam pensando, apenas que as relações de poder das gerações lhe asseguram a exploração e a possibilidade de a transmitir para frente. A camarilha moderna se mantém nesta relação e procura sempre mante-la e a aperfeiçoa para sua melhor eficácia. Entrega-se alguns anéis de prata e fica com todo o resto das jóias de muito maior valor e os dedos e posteriormente consegue repor de forma triplicada o valor dos anéis dados. Um progresso de que os oprimidos são meras marionetes articulados e jogados para lá e para cá, uma massa de manobras, em fim e que fim!

É aqui que entra a necessidade de romper com o ciclo explorador, abolindo a propriedade privada dos 1/9 (fração oriunda do Manifesto) que a retém em seu poder e outras medidas que visem ao fim da exploração.

A questão dos oprimidos espalhados em diversos grupos sociais é que enriquece o meio libertário e é uma infelicidade para os crentes das classes sociais que necessitam do padrão "classe" para fazer homogeneizar os seres humanos e para que suas primícias criadas funcionem, mesmo que seja para enfiar um grande cubo aonde cabe apenas uma pequena bola. Seus paradigmas estão cheios de crises (não as crises periódicas do capitalismo) e de exemplos do que não fazer, de desdém do que não esteja dentro de seus princípios ditos científicos. É o novo dogma que supera a religião sem contudo qualitativamente a sobrepo-la. Muitos não acharão isso. Chamo a sinceridade de sua análise e ao que lhe resta de liberdade de pensamento.

Quando no início da revolução da ex-URSS, houve participação massiva dos anarquistas em coletivos de fábricas, nos sovietes e existiam territórios livres sobre ideais federativos (ver a história de Nestor Makhno na Ucrânia, A "Revolução" contra a Revolução), o

que fizerem os “científicos”? Julgando os anarquistas aliados de primeira hora, seguiram por fazer a revolução e a desenvolve-la em conjunto, principalmente apresentando idéias bastante libertárias como “Todo poder aos sovietes” que se mantinham autônomos e descentralizados.

No entanto os anarquistas se tornaram os marginais e amigos do lupemproletariado e “dos brancos” (os reacionários tzaristas), pelos menos eram estas as acusações contra os libertários. Fazendo parte desses “contra-revolucionários” na segunda hora revolucionária (a hora da consolidação de uma ditadura atroz que duraria até 1989), pois era demais aos socialistas “científicos” supor a existência de sistemas sociais divergentes funcionando tão bem sem a tão aclamada ditadura do proletariado, refutando deste modo prático, a tese de transição estatal de Marx. Não poderiam deixar e não deixaram esse perigo utópico abalar a sua tão acalentada utopia da ditadura do proletariado, transformada aqui em ser bizarro (centralizado, autoritário e hierárquico).

Como não podiam deixar tal heresia passar impunemente, pois seria “anticientífico” e o pior, não foi diagnosticado por Marx, foi decretado a caça aos anarquistas novamente2, liderada por Lênin e Trotski com seu recém formado exército vermelho e a polícia secreta russa, a TCHECA.

Outro exemplo é a Guerra Espanhola, onde os anarquistas lutavam contra dois inimigos que no fundo de suas estruturas são bem parecidos. Os fascistas de um lado e os “científicos” marxistas, como quinta-colunas serrando ombros com os libertários. Na medida que os russos conseguiam impor as suas condições, enviavam os suprimentos necessários para combater os franquistas e frear os avanços da liberdade e da igualdade que os revolucionários defendiam. A libertária Emma Goldmam em vários pronunciamentos, lembrava aos revolucionários as experiências de repressão na revolução russa contra os todos que contradiziam os “científicos marxistas”. Em vão as precauções contra os “socialistas autoritários”, pois suas sabotagens e boicotes causaram em momentos cruciais, mais danos que as tropas de Franco, como nos é apresentado por Abel Paz, na sua obra sobre Bonaventura Durruti

(revolucionário anarquista que se destacou à frente das milícias livres acratas).

Os coletivos livres espanhóis eram modelos ácratas que funcionavam e muito bem por sinal, apesar dos boicotes marxistas. As milícias armadas anarquistas foram constituídas sem hierarquia e havia rotatividade dos seus coordenadores, que para os militares profissionais e os científicos daquele tempo e muitos de hoje, era algo impossível, destes impossíveis que conseguem deter e causar danos consideráveis aos inimigos da revolução (a Coluna Durruti, por exemplo foi o pilar de sustentação da revolução e era um corpo militar anarquista respeitado).

Um aspecto importante é que estes milicianos ácratas, ao contrário dos soldados profissionais, eram produtivos de uma forma direta do que o exército profissional convencional mal consegue ser minimamente . Eram os milicianos, trabalhadores do campo e da cidade, desempenhando suas funções nas horas de folga, além de disseminar as idéias anarquistas nos povoados e nas terras coletivizadas.

Isso já era demais para um bom científico e a traição não se fez tardar. Houve o já citado boicote de material bélico e víveres por parte dos científicos, aliança entre comunistas e franquistas entre outros fatos documentados, mas ocultado pelo show pirotécnico dos científicos historiadores em acusar os anarquistas como os principais agentes do insucesso da revolução espanhola (Veja o material desenvolvido pelo notório historiador marxista Eric J. Hobsbawm, Revolucionários).

Já se como nota, a Revolução Espanhola era a esperança e a alternativa para um socialismo livre e real, que a experiência da ex-URSS, então na época tutelada pelo xamã Stálin já mostrava não ser mais de que um monstro com ambições espaciais e nucleares, um esboço experimental do que não se deve fazer, apesar das melhores ditas bases científicas, oriundas de Marx via Lênin.

O que foi visto é que toda vez que irrompe um processo revolucionário, a leitura e prática "científica" se atém aos detalhes padronizados e a uma padronização, de como ganhar o Estado e de como se fará a ditadura do proletariado via este Estado recém

absorvido, presos a uma prática que seja efetiva, mesmo contrariando de forma radical até seus postulados básicos, como se a história os julgarão de uma forma cúmplice essa sua traição e demagogia perante ao socialismo. Aceita variações (China, Cuba), desde que estas não saiam muito do caminho principal.

Engendrado no cérebro cientifico, uniformemente assimilado (embora de uma complexidade fora do comum mesmo para quem estuda o marxismo há anos a fio) e pronto para o consumo, assim é a receita cientifica marxistóide. As idéias marxistas, tal como a deusa Atenas, quando vestida de ciência das ciências, "epistemólogicamente" analisa a todas as outras ciências de cima de seu Olimpo e distribui seus julgamentos como os raios de Zeus, condenando ciências a utopia, a ambigüidade e outras rotulações ditas científicas.

Torna-se assim, para os seus pupilos, a derradeira epistemologia de onde se constrói e se analisa o mundo. Torna-se o Sol, a luz que orienta os perdidos, farol em meio as trevas da ignorância burguesa, como bem apresenta Duclos na sua obra A luz e a escuridão.

****

Os oprimidos unidos por um elo fraterno, pela afinidade de um interesse comum, têm em mãos materiais para a construção da Anarquia, em grupos organizados pelas bases do próprio grupo e que é o próprio grupo, sem lideres vitalícios, onde um contrato social será discutido e aceito por todos e este mesmo contrato sempre sendo revisado e melhorado. Grupos assim necessitam de vanguarda?

Grupos assim nunca necessitarão de uma vanguarda! Se bem que Kropotkin, vê que no inicio estes sejam uma minoria que vai ampliando os seus contatos, em um crescente revolucionário que absorve a minoria.

Atrocidade maior do que vanguarda no moldes leninista está para nascer.

Mas que idéia mais absurda!

Alguns visionários científicos perceberam ao estudar a sociedade que é preciso uma ação a qual estarão à frente. Estes

iluminados a “descobrem” e portanto, querem guia-la. Será que aqui todos os caminhos levarão a Roma? Acredito que não e se estou certo, o resultado de suas peregrinações poderão ser as paredes de um beco sem saída chamado Estado burocrático hipertrofiado que tanto a ex-URSS, Cuba e China ostentavam e ostentam até o presente momento. E quando chamados a uma modificação nos seus quadros econômicos, políticos e sociais, período de reflexão positivo e que bem poderia ser um momento profícuo para radicalização do processo revolucionário; entregam anos de lutas ingratas, de trabalho operário e campesino, onde milhões de pessoas, unidas em torno do nobre utopia do socialismo, de bandeja para os sequiosos imperialistas do capitalismo mundial, como se isso fosse a única via possível para seus dirigentes tão dedicados, mas que belos traidores da revolução!

Mas seria injusto para com as pessoas desses países colocar no mesmo grupo dos seus dirigentes, estes se tornaram os opressores de seus regimes.

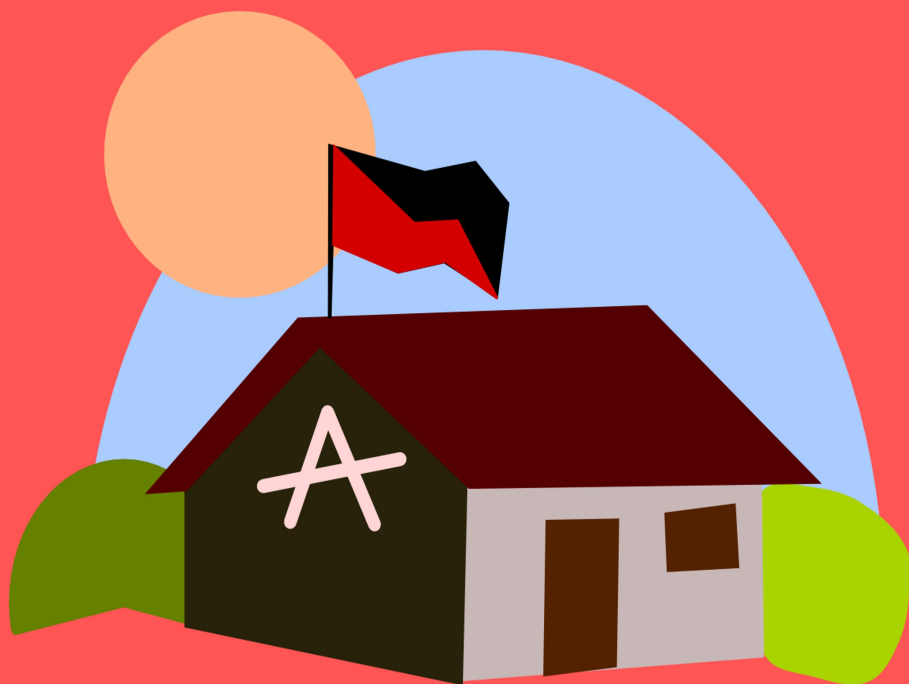
Os cubanos, por exemplo, sofrem com a dinastia castrista, onde a liberdade de expressão é crime cujo o preço é a morte, mas que coisa! Na China, mais sofisticada, viram escravos-trabalhadores do regime igualitário. Era isso que pensava ou pensam os meios socialistas? Que divergência de opinião é crime hediondo? Espero que não e com certeza isso não foi, não é nunca será crime no meio dos socialistas libertários.

Talvez seja, para nós, um grande problema e uma contradição que levamos em nossos quadros, mas que não negaremos e nem será suprimida, a liberdade nós é tão preciosa como o ar, a terra, a água e não há uma limitação mínima que não a oprima.

Assim vemos ilustrados, que o modelo tão defendido de forma brilhante no meio acadêmico, construído de forma cientifica e aplicada com o mesmo rigor à prática, acaba estéril e esterilizando a parcela que o adota. É a crise do paradigma marxiano e marxista.

A divisão somente em dois grupos sociais, exploradores e explorados é talvez para os libertários, uma melhor opção para se adequar com suas primícias. Muitos libertários, da tendência anarco-comunista (principalmente espanhóis) utilizavam o material

marxiano para ilustrar e explicar suas posições e usavam o termo “classes” tal como os científicos usavam, e foi muito válido. Agora, é possível ver o perigo de aceitar estes postulados.
Uma vez adentrando na complexidade das classes sociais, cada qual será homogeneizada, padronizada e colocada no seu local histórico, às vezes necessitando de outras, como no caso dos apelos massivos e insistentes de Lênin aos camponeses para se aliarem aos operários, por que será, já que são todos trabalhadores?
Um resposta possível é que a mola mestra da economia estava no meio rural russo, já que a Rússia ainda era incipiente industrialmente no momento da revolução e portanto necessitava como aliada, as almas camponesas, mas estavam sem o controle férreo do Soviete central e tinham uma tendência extravagante de procurar virar “gulaks”, um desvio burguês lamentável necessitando de disciplina, confisco de terras e meios de produção, para erradicar tal desvio e muitos foram agrilhoados a força a causa bolchevique. É que uma vez tomado e consolidado o poder após uma guerra civil, os camponeses aliados foram altamente controlados pelos partido soviético, repleto de operários e que viam com reserva as tendências liberais dos camponeses.

lernu
esperanto
aprenda
esperanto
anarkio.net

Nossa Casa Nossa luta!

Iniciativa por espaços
sociais autonomos
sem partidos, sem patrões
sem religiões, sem Estado

anarkio.net – fenikso@riseup.net

ANARKIO.NET

ATÉ O FIM DE TODAS CLASSES SOCIAIS

Vizitu nian interetan paĝon

HTTP://ANARKIO.NET

- Tekstojn;
- Imagojn;
- Agojn, ktp

Retadreso:

fenikso@riseup.net aŭ barriliber@anarkio.net

lobo@riseup.net